

## POR UMA TEOECOLOGIA BATISTA DO MEIO AMBIENTE NO BRASIL

Kemuel Lourenço Figueira Andrade<sup>1</sup>  
Reginaldo Pereira de Moraes<sup>2</sup>

### RESUMO

O propósito desta pesquisa é compreender as relações entre os discursos teológicos e ecológicos, bem como evidenciar a percepção do meio Batista denominacional. A ‘teoecologia’ Batista é apresentada como uma proposta teológica, que dialoga interdisciplinarmente, e procura convergir os discursos científicos e religiosos em um repensar sobre o meio ambiente, com sua problematização que indaga: Qual é a contribuição teológica dos Batistas brasileiros com questões ambientais? Assim, exordialmente, a investigação é sedimentada com as leituras concentradas no Pentateuco das Escrituras Sagradas judaico-cristãs. O desenvolvimento histórico-eclesiástico dos Batistas se propiciou a partir de temas que estavam em pauta na sociedade hodierna, e essas provocações ajudaram a solidificar a denominação no cenário mundial e, conseqüentemente, no Brasil. Com base em algumas constatações no âmbito denominacional, o artigo pretende contribuir para um proceder mais efetivo na temática proposta, frente a uma leitura teológica desvelada. A metodologia desenvolvida nesta pesquisa é bibliográfica e documental e tem por resultado uma contribuição da tradição bíblica em perspectivas batistas na construção de um discurso teológico ambiental.

**Palavras-chave:** Teologia. Ecologia. Igreja Batista. Discurso Ambiental.

### INTRODUÇÃO

Nos dias atuais é inequívoco a centralidade que o fenômeno das mudanças climáticas ocupa na agenda ambiental mundial e como ele atravessa inevitavelmente todas as demais agendas políticas, econômicas, sociais e culturais que conformam o desenvolvimento e gestão das sociedades contemporâneas (LIMA; LAYRARGUES, 2014, p. 74). Aqui, a “Teoecologia” Batista concentra-se em analisar especificamente o

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teologia (PUCPR); Mestre e Bacharel em Teologia (FABAPAR); Especialista em Liderança e Coaching (ESTÁCIO). Professor-Autor na PUCPR no curso de Ciências da Religião, membro do grupo de pesquisa-atuação NEIR-PUCPR, kemuel.andrade@pucpr.edu.br; <https://orcid.org/0000-0002-3637-9759>

<sup>2</sup> Doutor e Mestre em Teologia (EST); Bacharel e Especialização em Liderança e Pastoreio (FABAPAR); Professor de Pós-Graduação em Teologia Profissional da FABAPAR, membro do grupo de pesquisa-atuação Interpretação, atualização e transmissão dos ensinamentos bíblicos - FABAPAR, reginaldopmoraes@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-0891-2031>

contexto brasileiro, objetivando a construção de um discurso saudável na tradição Batista. Isto posto, este artigo investigará o que tem sido elaborado teologicamente no diálogo interdisciplinar com a ecologia na temática apresentada. Neste contexto, o "porquê" se estabelece em (inicialmente) vozear aos Batistas brasileiros frente às questões operantes ao meio ambiente, e o "para quê" se estabelece em identificar claramente a posição na tradição Batista neste quesito. Para tanto, a pesquisa organiza-se bibliográfica e documentalmente.

A argumentativa que atravessa o texto parte de premissas como: há consenso entre os Batistas quanto à ecologia? Na ótica Batista qual é o papel do ser humano como mordomo no planeta? No contexto dos Batistas brasileiros é possível encontrar tal preocupação? Há documento(s) Batista que trata(m) da questão ecológica? Com os propósitos anunciados, o artigo estruturou-se em três momentos além desta introdução: uma primeira seção, que trata do planeta como criação divina; uma segunda, que discute a mordomia humana sobre a casa comum; uma terceira, que explicita a "Teoecologia" Batista; além de uma seção de considerações finais, onde se exercita a síntese e os resultados da reflexão realizada.

## **1. O PLANETA COMO CRIAÇÃO DIVINA**

Sem a menor sombra de dúvida, pode-se dizer que, a despeito de certa desatenção quanto à ecologia, há consenso entre os batistas de que a criação não veio a existir apenas para a felicidade humana, que é finita e passageira, mas para a glória de Deus (SEVERA, 2014, p. 98-99). A criação veio a existir a partir do agir divino, mas não traz em si aspectos de sua divindade. Como diria o apóstolo Paulo, a criação até anseia com expectativa pelos planos redentivos finais; todavia, continua sendo criatura de um Deus soberano e generoso.

A ótica Batista segue a interpretação bíblica de que Deus é um ser vivo, pessoal, criador e soberano sobre tudo o que existe (KIDNER, 2008, p. 32). Além disso, acredita-se que a descrição criacional narrada em Gênesis não é geocêntrica, mas teológica. Dessa forma, a obra criada tem seu valor, mas não possui poderes divinos. Por exemplo, ao descrever o sol e a lua, apenas no quarto dia da criação e chamando-os como

luminares maior e menor, o autor bíblico pretende destacar que ambos não são divindades, como normalmente acontece em algumas culturas. Contudo, ao declarar que tanto o sol, como a lua, são sinais divinos para se fazer distinção entre o dia e a noite, o hagiógrafo até menciona que tais criaturas (sol e lua) são chamados para governar, mas no sentido de dar as diretrizes naturais para a distinção entre a claridade do dia e a escuridão da noite, jamais com a ideia de algum tipo de potestade espiritual (KIDNER, 2008, p. 46).

Se, por um lado, há pessoas que atribuem um valor demasiado para a natureza, vendo-a como algo muito maior que uma criação divina. Por outro, infelizmente, há aqueles que a menosprezam e, ainda pior, fazem uso das próprias Escrituras para justificar seus erros. Muitos alegam que o mandamento divino dado ao primeiro casal para sujeitar e dominar a terra, lhes daria o direito de fazer do planeta Terra o que bem entenderem. Todavia, isso também seria uma distorção dos fatos, como bem destaca Reimer (2006, p. 128), “o binômio ‘sujeitar e dominar’ [usado Gn 2.3] é relativizado pelo binômio ‘cultivar e guardar’ (Gn 2.15) [e significa] não destruir a natureza criada por Deus, mas mantê-la em suas bases de sustentação e no seu próprio ciclo de vida”.

Muitas vezes, se tem um posicionamento errôneo por não conhecer as Escrituras. Quando se tem acesso aos textos originais, muitas vezes torna-se mais claro qual posição que se deve tomar. Por exemplo, segundo Moraes:

[...] a última parte da perícopa, traduzida como “que Deus criou para realizar”, em várias versões tem o sentido de que Deus: “havia criado e feito”, “que Deus criara com o objetivo de [a] fazer” [TNM], “que, como Criador, fizera” [BEG], “cessou de toda obra que fizera como Criador” [TB], “descansou de todo o seu trabalho de criação” [DHH], “pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação” [BJ]. Embora um tanto destoante das demais, acreditamos que talvez faça mais sentido a nossa tradução inicial, com a ideia de que Deus dá vida para Sua criação para que esta continue a realizar seu propósito, dando continuidade a este processo criacional. Isto não somente estaria de acordo com a teoria de Kirchof (1999, p. 45-55), como também estaria em sintonia com a tradução portuguesa da Torá: “...cessou toda a sua obra, que criou Deus para fazer” (MORAES, 2018, p. 98).

Isso significa dizer que o texto bíblico traz a ideia de que os céus e a terra foram criados com o potencial de continuarem em transformação. Segundo Moraes (2020, p. 104), há entre os judeus, hoje, uma expressão metafórica interessante: eles chamam de *TYQUM 'OLAM*. Em uma tradução literal poderia significar “colocar em boa ordem os

tempos vindouros”, mas com o sentido de uma contínua “construção para eternidade”.

Em outras palavras, o que o ser humano possui hoje, neste mundo físico, não é apenas para ser explorado de qualquer jeito, mas administrado de tal modo a lembrar que cada atitude demonstrada aqui e agora, tem frutos para além desta vida. A partir desta ótica de vida, cada ser humano tem a missão de melhorar o mundo à sua volta. Afinal, Deus criou a natureza de forma perfeita e designou ao primeiro casal, representantes da humanidade, o privilégio de gerenciar seu jardim. Nunca com o sentido de desolá-lo ou destruí-lo, mas os chamou e os comissionou-os a fim de protegê-lo. Segundo Kirchof (1999, p. 49), o ser humano tem a responsabilidade e capacidade, dadas por Deus, não apenas viver no mundo, mas também para transformar tudo à sua volta. Outro destaque interessante que o autor faz é que o ser humano não está sozinho nesta tarefa. Ao se declarar que “Deus abençoou o sétimo dia e o santificou” (Gn 2.3a, ARA), indica-se também que o próprio criador continuaria à disposição da humanidade para que esta pudesse desenvolver seu potencial.

Mesmo porque, a criação não é algo meramente físico ou desconectado com os princípios de seu criador. Logo, o ser criado precisa estar atento ao seu papel neste processo, o qual não pode ser apenas de conquistador ou explorador, interessado tão somente em extrair algo do planeta, mas também de estar em constante interesse em participar do mesmo. Segundo Keil e Delitzsch (1989, p. 68), sem uma parceria entre humanos e o próprio Deus, jamais será possível um relacionamento e um desenvolvimento equilibrado e saudável.

## **2. O SER HUMANO COMO MORDOMO DO PLANETA**

Assim que o universo e a humanidade são criados, o primeiro casal tem como tarefa dominar a terra (Gn 1.28). Infelizmente, isso tem sido mal interpretado e, por conseguinte, levado muitas pessoas a **acreditarem** que podem simplesmente sair manipulando ou, até mesmo, destruindo a natureza, como se ela nada fosse. Todavia, logo em seguida, também é declarado que este mesmo casal deveria cultivar e guardar o jardim (Gn 2.15).

Há autores, inclusive, que fazem uma distinção entre as fontes Javista e

Sacerdotal, defendendo a ideia de que em Gênesis 1.28, pertencente à Fonte P, o humano seria o mestre do planeta, devendo dominá-lo, por meio da coação. Enquanto em Gênesis 2.2; 2.15; 3.23 e 4.2, pertencentes à Fonte J, a humanidade estaria sendo encarada como serva da terra e, por isso, deveria cumprir os deveres dos processos naturais da natureza (HIEBERT, 2008, p. 157).

Todavia, não se deve fazer tamanha distinção nesse nível. Mesmo porque, segundo Spencer (2019, p. 87), a melhor tradução e aplicação para as palavras “cultivar” e “guardar”, em Gênesis 2.15, deve estar no campo agrícola, com o sentido de que o homem precisaria estar dedicado à agricultura. Isso porque, tanto Gênesis 2.5b que diz “e também, não havia ninguém para cultivar o solo”, quanto Gênesis 3.23 onde se declara: “por isso o Senhor Deus o lançou fora do jardim do Éden, para cultivar a terra da qual onde havia sido tomado”, são textos com aplicação exclusivamente agrícola. Portanto, não faria sentido algum, em Gênesis 2.15, o hagiógrafo ampliar o seu uso, levando-o para uma responsabilidade ecológica ou mesmo espiritual de adoração.

Embora se entenda que os capítulos 2 e 3 de Gênesis tenham abrangências distintas, o primeiro enfocando a responsabilidade do ser humano sobre todo o universo e o segundo, restringindo sua ação a um local físico bem delimitado (o jardim do Éden), haja visto que, pela sua inserção no livro, precisam ser lidos com certa sintonia. Ou seja, seria estranho uma teoria que defenda uma atitude de cuidado para com um jardim (Gn 2.15) e, ao mesmo tempo, um uso déspota e opressivo, para com o planeta como um todo (Gn 1.28).

Por outro lado, mesmo considerando esses aspectos de cuidado com a natureza, relatados nos primeiros capítulos da Bíblia, não se pode negar que a ecologia está muito longe de ser um de seus temas centrais. Todavia, mesmo não sendo um assunto principal, é inegável que nela há muitos flashes de cunho ecológicos, permitindo um olhar diferenciado para determinadas partes de nosso planeta. Infelizmente, entre o que as Escrituras ensinam e o que os cristãos praticam, às vezes é um tanto quanto distante. Mas, como diz Schaeffer (1976, p. 60) o cristão deveria ser o primeiro a cuidar bem do ambiente onde vive, mostrando mais claramente os resultados de sua fé, por meio das atitudes do seu dia a dia. Afinal, aquele que se diz filho de Deus e seguidor de suas palavras, tem quase que uma obrigação de “tratar as coisas criadas dentro de um elevado

conceito”.

Infelizmente, há uma certa demora no despertar para esta realidade. Mas, certamente, isso não foi por falta de informação. Como será mostrado a seguir, há alguns textos das Escrituras que deixam claro o cuidado que se deve ter com o mundo onde se vive. Em Gênesis 6, ao narrar a destruição pelo dilúvio, percebe-se que, apesar de toda a catástrofe envolvida e independentemente da linha interpretativa que alguém possa seguir, o episódio do dilúvio em Gênesis 6 a 9 também mostra o cuidado do Criador ao preservar representantes de cada espécie para que estas pudessem repovoar a terra.

Em Êxodo 23.10-11, há um texto interessante, no qual se destaca o direito que a terra tem de descansar a cada sete anos: “Seis anos semearás a tua terra e recolherás os seus frutos; porém, no sétimo ano, a deixarás descansar e não a cultivam para que os pobres do teu povo achem o que comer, e do sobejo comam os animais do campo. Assim farás com a tua vinha e com o teu olival.” Como o texto menciona **o cuidado com os pobres como a razão do descanso**, o cuidado com a terra acaba passando despercebido. Se apenas o pobre fosse o foco, seria muito mais vantajoso que o agricultor cultivasse no sétimo ano e não colhesse.

Já em Deuteronômio 20.19-20, há a proibição do desmatamento de árvores frutíferas. Em Deuteronômio 22.16-17 há instruções de como lidar com pássaros e ninhos de aves; mostrando que as aves podiam ser abatidas para alimentação, mas com cuidado para garantir a manutenção da espécie para as gerações futuras. Em Deuteronômio 23.13-15 há orientações sobre os cuidados de higiene e saneamento básico para a vida em acampamentos. Em Deuteronômio 25.4, há diretrizes de cuidado para com o animal que está sendo usado para algum serviço.

Num primeiro momento poder-se-ia dizer: “só isso?”. Mas, embora pareça pouco, diante do contexto em que foram registrados, são deveras importantes para mostrar que o ser humano não pode tratar a natureza de qualquer forma. A humanidade, em especial os cristãos, devem entender que cada elemento da criação tem um valor em si mesmo. Grande ou pequeno, cada criatura tem sua dignidade própria. Tal autoridade não vem de suas características, por mais importantes que sejam, mas foram concedidas pelo próprio Criador.

Por outro lado, deve-se cuidar com o perigo de um apelo ecológico exacerbado,

beirando a uma “ecolatria”. A ecologia deve ser destacada e difundida, mas sobretudo de uma forma saudável. A natureza deve ser cuidada, preservada e valorizada, até mesmo como uma entidade própria, pois possui valor intrínseco. Entretanto, não se deve extrapolar os limites estabelecidos por ela mesma, nem achar que o planeta Terra é mãe. Cada espécie tem suas peculiaridades e contribuições para com o todo. Todavia, não se deve cair numa teologia panteísta e achar que todos, independentemente de serem animais ou vegetais, são irmãos uns dos outros. Acima de tudo, é necessário lembrar que os humanos não são donos dos outros seres, mas seus tutores.

### **3. A TEOECOLOGIA NO EIXO DENOMINACIONAL BATISTA**

Devido ao seu sistema de governo eclesiástico, no qual cada igreja é autônoma e democrática, os batistas têm dificuldade em desenvolver algo que chame a atenção do país para a questão ecológica. No entanto, o evento mais importante que mobilizou os Batistas para a reflexão teocológica foi a 91ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira que aconteceu na cidade de Niterói, RJ e o tema, muito oportuno, foi “*Vida plena e meio ambiente*”, ocasião que foi criada a chamada *Carta de Niterói* (2011). Conforme segue:

Nós, batistas brasileiros, reunidos na cidade de Niterói (RJ), em janeiro de 2011. CREMOS que o Universo e o ser humano foram criados por Deus para a sua glória; a vida e o Universo, em todos os sentidos, foram dados ao ser humano como um presente de Deus; o Universo foi dado ao ser humano para sua morada, sustento e para o desenvolvimento de sua história de vida; o ser humano foi criado como um ser livre, mas, ao mesmo tempo, dependente da soberania de Deus; Deus delegou ao ser humano a gestão sábia, criativa e sustentável de sua vida e da natureza; depois da queda e rebeldia após a criação, o ser humano desvirtuoso-se dos propósitos divinos da criação e passou a gerenciar sem sabedoria a sua vida e a natureza, sem se preocupar com a sua sustentabilidade; que o Evangelho de Jesus Cristo traz não somente a restauração espiritual do ser humano, mas uma nova vida e esperança à humanidade; que os ideais do Evangelho de Jesus Cristo recuperam os ideais originais da criação reconciliando-a com o Criador. Neste sentido, DECLARAMOS que ao longo da história, o ser humano ultrapassou os limites da gestão sustentável da natureza e que, por conta dessa atitude, o Planeta Terra está em perigo; já não é possível mais o ser humano continuar a ser um consumidor da realidade, da vida e do Planeta Terra; os dilemas ambientais e ecológicos não afetam apenas o cosmos, mas também a natureza humana e, neste sentido, o ser humano como um micro-cosmo também tem prejudicado a sua saúde física, mental-emocional, social e espiritual pelo inconsequente e imediatista estilo de vida adotado; os cristãos, em geral, têm se preocupado mais com a redenção espiritual do ser humano,

nem sempre considerando o ser humano e a vida em todos os seus aspectos. Por fim, CONCLAMAMOS que os cristãos de toda a Terra procuram compreender que o Evangelho todo é para todo o ser humano e para o ser humano todo, incluindo a sustentabilidade da vida humana e da natureza; cada ser humano assume o compromisso de cuidar com sabedoria, criatividade e sustentabilidade de sua vida, de seus relacionamentos e da natureza; os empresários assumem o compromisso de participar da preservação do meio ambiente nos seus mais variados aspectos – social, ecológico, distribuição justa de bens e oportunidades para todos; os empreendimentos imobiliários sejam planejados e executados de modo a preservar o meio ambiente e a transformar o Planeta Terra numa habitação segura para a vida humana; que a educação ambiental e para a vida esteja incluída na formação do sujeito histórico desde a sua infância em nossa Nação. as autoridades governamentais, em todos os níveis, lutem contra a inépcia, a corrupção, o imediatismo, estabelecendo legislação sábia, séria e respeitosa à vida humana, à preservação e ocupação do meio ambiente; as autoridades assumem com seriedade o papel de agente fiscalizador do uso sustentável da natureza de modo a preservar também a vida humana, evitando assim os desastres ambientais como os que ultimamente tivemos sofrido. Tudo isto para que conquistemos a VIDA PLENA E O MEIO AMBIENTE (Convenção Batista Brasileira, 2011).

A Comissão da Carta de Niterói foi composta pelo pastor Lourenço Stelio Rega, que na época era diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, com a função de relator; pelo pastor Norton Riker Lages, quando foi diretor do Seminário Teológico Batista Equatorial, Belém – Pará, e por Mere Márcia Prado Bello, ministra de música da Igreja Batista em Itacibá, Cariacica – Espírito Santo.

A Carta de Niterói estabelece marcos para uma base de reflexão para uma ‘Teoecologia’ Batista, sendo a Carta centrada o seu primeiro ponto teologicamente e o segundo ponto ecologicamente. Já no terceiro ponto, ela aponta mediações pastorais para que a comunidade possa contribuir com a preservação do meio ambiente.

A Carta, em seu término, desperta para um compromisso que leve em consideração as fragilidades do planeta. Para isso ser possível, faz-se necessário viabilizar políticas públicas que, de fato, assumam os desafios de uma economia sustentável e, ao mesmo tempo, fiscalizem com mais rigor o uso dos recursos naturais. Além disso, a Carta alerta que uma educação ambiental precisa começar na infância e que crianças engajadas ecologicamente serão, no futuro, adultos com consciência ambiental (GONÇALVES, 2014, p. 73).

É notória a importância desta iniciativa dos batistas, da Carta de Niterói, principalmente quando considera que o Evangelho de Jesus Cristo envolve a totalidade

do ser humano e não apenas a sua “alma”. Com isso, a Carta aborda a questão da integralidade da vida cristã e do cristão com a sociedade e com o meio ambiente.

De acordo com Gonçalves (2014, p. 73) a igreja não está isenta da atividade econômica do sistema globalizado capitalista, que visa meramente o lucro e não respeita, na maior parte das vezes, a diversidade da vida, a formação geográfica natural de um lugar, a nascente de um rio, a biodiversidade de uma mata. Por viver neste contexto, ela precisa enxergar o meio ambiente como alvo da missão de Deus, compreendendo que a presença de Deus perpassa a criação e que o ser humano é parte integrante desse ecossistema.

Os batistas brasileiros, através da Carta de Niterói (2011) expressam sua posição contínua de preocupação com as questões ecológicas entre os batistas, podendo perceber projeção nacional para um projeto e um pacto de desenvolvimento sustentável, tendo uma visão bíblica sobre a ecologia e para o meio ambiente (Gênesis 1,26-31, Salmos 8 e 19).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No propósito de compreender as relações entre os discursos teológicos e ecológicos, e sua aproximação com o meio batista denominacional, fica claro que Deus tem dado um dever para o cristão cumprir. Os seres humanos não foram colocados na Terra simplesmente para existir ou apenas usufruir de seu ambiente. Deus deu a terra para o homem “sujeitá-la” e “dominá-la”. De acordo com Severa (2014, p. 149), o homem tem uma tríplice responsabilidade: com Deus, consigo mesmo e com o mundo. Deste modo, em cada indivíduo há uma necessidade inerente de sere fazer algo. O ser humano deve sentir-se que é responsável diante de Deus. Deve haver um sentido de obrigação diante de um ser superior. Quando isso ocorre, não só ele usufrui das bênçãos, mas toda a natureza.

No processo de mordomia, é válido enaltecer que Deus criou um ser humano sonhador. “Deu-lhe condições de ter visões de grandeza e de poder para cumprir esses sonhos. As possibilidades do homem refletem a imagem de Deus. O ser humano está dotado a deixar sua marca no mundo” (SEVERA, 2014, p. 150). Um dos propósitos do

ministério de Cristo é ajudar a humanidade a ser tudo o que Deus planejou para que ela pudesse vir a ser, conformando-se com a imagem de Seu Filho (Hb 2.6-10).

Aos Batistas, que marcados em sua trajetória histórica por valores tão singulares como a liberdade e os direitos humanos, fica o estímulo de promover meios, ainda mais efetivos, para uma participação mais contundente dos cristãos no tema da ecologia. Se antes a noção de eclesiologia funcionou como um impedimento para uma militância em assuntos importantes da sociedade, hoje, pelos exemplos que a própria Convenção Batista Brasileira deu em relação ao tema, com a Carta de Niterói, é possível pensar na participação da Igreja Batista neste importante debate. Com uma 'Teoecologia' Batista saudável, no sentido de fazer com que a Igreja se sinta corresponsável pelo futuro da criação.

Este artigo cumpre seus objetivos apresentados e responde à problematização evidenciada, assim como, com rigor, respeita a metodologia proposta. De modo algum, aqui se esgota o tema, mas fica uma contribuição de valor, podendo ser estendida em dois aspectos: a. a elaboração metodológica da Teoecologia Batista; b. o diálogo interdisciplinar da Teoecologia Batista com a ciência do direito, em aproximação com o que a Constituição Brasileira diz sobre as questões ecológicas.

*Soli Deo Glória.*

## 5. REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada, **Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas**. Tradução da versão inglesa de 1961. New York: WTB and TSP, 1967.

BÍBLIA Sagrada, **Bíblia de Estudo de Genebra**, a partir da Tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: cultura Cristã/Barueri: SBB, 1999.

BÍBLIA Sagrada, **Tradução Brasileira**. Barueri: SBB, 2010.

BÍBLIA Sagrada, BIBLIA BILINGÜE: com Deuterocanônicos. **Dios Habla Hoy, Good News Translation**. Brasil: SBU, UBS, 2003.

BÍBLIA Sagrada, **Bíblia de Jerusalém**: nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2008.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Carta de Niterói 2011**. 91ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira, 25 de janeiro de 2011.

GONÇALVES, Alonso. Ecologia: um tema ainda incipiente entre os Batistas brasileiros. **Revista Caminhando**. v. 18, n. 2, p. 67-79, jul./dez. 2013.

HIEBERT, Theodore. **The Yahwist's Landscape: Nature and Religion in Early Israel.** Minneapolis: Fortress, 2008.

KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. **Commentary on the Old Testament: the Pentateuch – Genesis, Exodus 1-11.** Translated by James Martin. Massachusetts: Hendrickson, 1989. Volume 1.

KIDNER, Derek. **Gênesis: introdução e comentário.** Traduzido por Odayr Olivetti. São Paulo: Vida nova, 2008.

KIRCHOF, Edgar R. **As verdades da criação: uma abordagem estrutural de Gn 12.4a.** São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa; LAYRARGUES, Philippe Pomier. Mudanças climáticas, educação e meio ambiente: para além do Conservadorismo Dinâmico. **Educar em Revista**, [S.l.], p. p. 73-88, out. 2014. ISSN 1984-0411. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/38108>. Acesso em: 10 out. 2024.

MORAES, R. P. **O descanso sabático em Hebreus.** Orientador: Nelson Kilpp. São Leopoldo: EST/PPG, 2018.

MORAES, R. P. Moraes, **Sete lições extraídas da vida de um pastor: narrativas pessoais e produções em Teologia Sistemática, uma homenagem a Zacarias de Aguiar Severa.** Curitiba: Núcleo de publicações FABAPAR, 2020.

REIMER, Ivoni Richter. Criação e Bíblia. In: BEOZZO, J.O. (org.) **Curso de Verão Ano XX: Ecologia: Cuidar da Vida e da Integridade da Criação.** São Paulo: Paulus, 2006.

SCHAEFFER, Francis. **Poluição e a morte do homem: uma perspectiva cristã da Ecologia.** Rio de Janeiro: JUERP, 1976.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de teologia sistemática – Revisado e ampliado.** Curitiba: A. D. Santos Editora, 2014.

SPENCER, Andrew J. **Worship, serve or cultivate? An evaluation of translation options for Genesis 2.15.** In: VIA TEOLÓGICA. Curitiba, v. 18, n. 35, p., p. 63-91, junho de 2017.

TORÁ – **A Lei de Moisés.** ed. rev. e amp. da obra “A Lei de Moisés e as Haftarót: tradução, explicações e comentários do rabino Meir Matzliah Melamed, enriquecida pelos comentários do rabino Menahem Mendel Diesendruck e com comentários compilados, redigidos e editados por Jairo Fridlin. São Paulo: SEFER, 2001.